



O Espaço Cultural Frans Krajcberg ocupa 1.300 metros quadrados do Jardim Botânico, em Curitiba

TADEU FESSEL

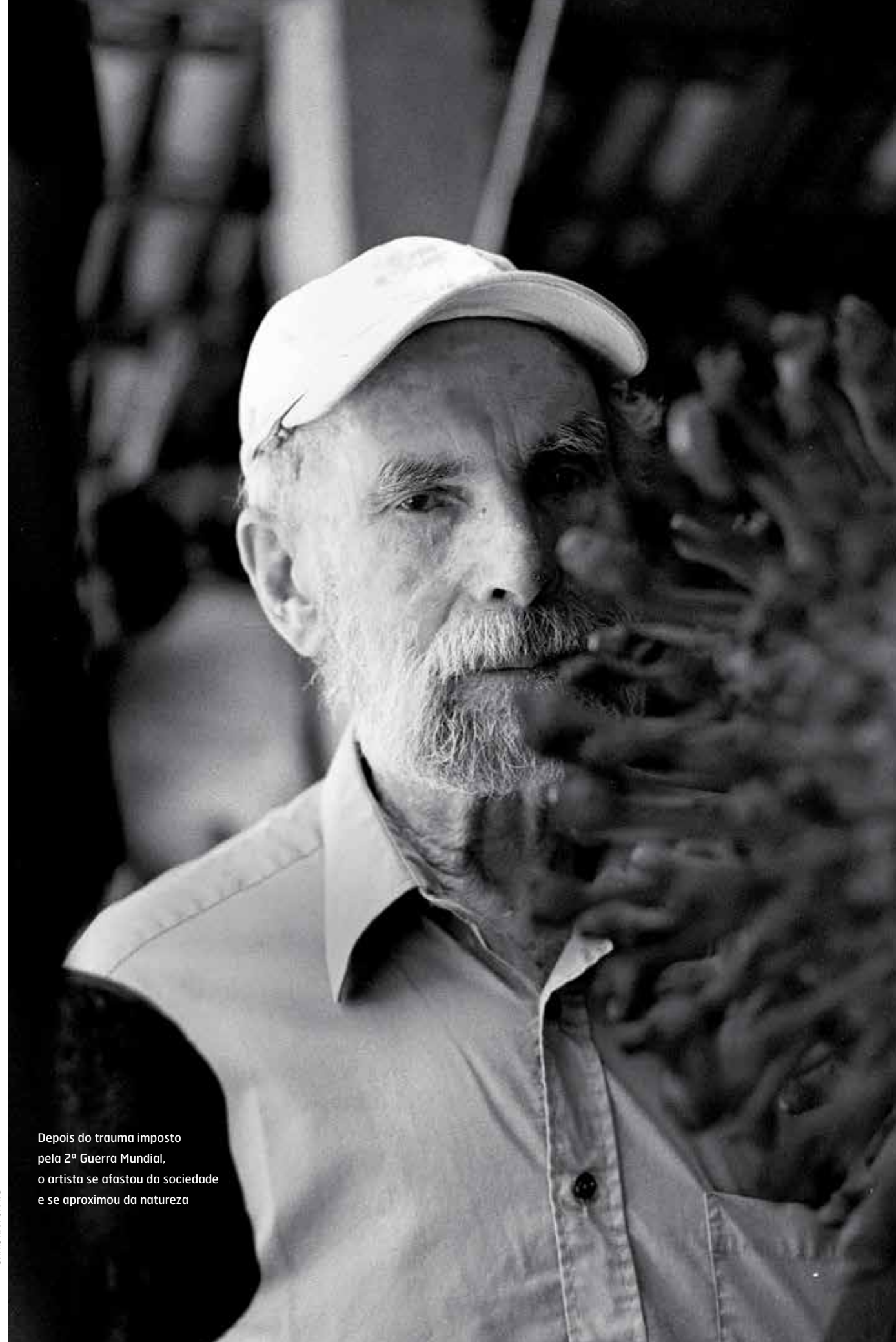
Renascer das cinzas

Em Curitiba, museu exhibe 114 obras de Frans Krajcberg, o artista que denuncia agressões à natureza e utiliza como matéria-prima escombros da paisagem devastada

por Décio Galina
retratos Christian Cravo
fotos Tadeu Fessel

Choca. A obra de arte, ou melhor, a árvore queimada, morta, choca pela obviedade da mensagem. O tronco estorricado, retirado de uma área devastada por incêndio criminoso e colorido por pigmentos naturais, grita pela preservação do verde, da vida. Os cipós expostos também passam o recado: parece que se contorcem de dor. O desespero da natureza está na cara (e na alma) das 114 obras espalhadas pelos 1.300 metros quadrados do Espaço Cultural Frans Krajcberg, no Jardim Botânico, um dos cartões-postais de Curitiba. O artista doou o acervo à capital paranaense, referência em ecologia no país e endereço da Universidade Livre do Meio Ambiente.

Mais conhecido em Paris (onde tem museu com seu nome, obra no aeroporto Charles de Gaulle e exposição marcada para 2005 no parque de Bagatelle) do que em São Paulo (participa neste ano da programação especial do centenário da Pinacoteca do Estado), Krajcberg, aos 83 anos, sonha com a ►



Depois do trauma imposto pela 2ª Guerra Mundial, o artista se afastou da sociedade e se aproximou da natureza

CHRISTIAN CRAVO



Os troncos pintados com pigmentos naturais sensibilizam os visitantes. “O primeiro passo para a educação ambiental é o povo gostar do local onde vive”, diz Frans



mudança de consciência do brasileiro. “O primeiro passo é gostar do lugar onde se vive”, afirma. “Parece até que o povo detesta este país”, reclama, contundente, este polonês de Kozienice (que odeia ser chamado de polonês), naturalizado brasileiro em 1957. “Já não basta ter destruído a mata do litoral baiano? Precisa também acabar com a Amazônia?”, pergunta o artista que mora sozinho, há mais de 30 anos, numa casa suspensa sobre um pequizeiro — o sítio Natura, santuário com vista para o mar, em Nova Viçosa, sul da Bahia. “Estamos machucando demais a natureza e, por isso, podemos esperar qualquer coisa, pois ela é muito vingativa.”

Para que outras árvores não torrem em nome de pastos e plantações de soja, o Espaço Cultural Frans Krajcberg investe no monitoramento de visitas escolares e recebe cada vez mais crianças — a agenda dos próximos três meses já está lotada. Ao se deparar com os totens de madeira de mais de três metros de altura, a molecada usa a imaginação e “enxerga” muito além dos abstratos contornos da obra. Brincando, a turma percebe a gravidade da situação e como as queimadas comprometem o futuro da Terra. “Pra que destruir algo tão bonito como a natureza?”, indaga o pequeno Abraão Sampaio, no auge de seus 7 anos. “Acho que os adultos têm que ter mais juízo.”

As paredes translúcidas do museu facilitam a observação da tridimensionalidade de obras como a série “Mangue” (1978), 28 peças compostas com raízes



Acima, o sítio Natura, lar do artista no litoral sul da Bahia. À direita e abaixo, estudantes visitam espaço cultural. No alto, detalhe da obra exposta em Curitiba



de mangue do litoral sul da Bahia e troncos calcinados de palmeira extraídos no Mato Grosso. “A criança fica sensibilizada com a diferença entre o verde encontrado no Jardim Botânico e as cores da natureza morta do espaço cultural”, compara a coordenadora Sandra Mara Fogagnoli. “Quanto mais cedo o assunto educação ambiental for discutido, melhor para todo mundo.” Não são apenas as crianças, no entanto, que se emocionam com os gigantes de madeira de Krajcberg. Alguns adultos chegam a chorar. “Não é fácil ver estética por trás de tanta destruição”, analisa o visitante Julio Rezende, professor universitário de Natal (RN). “É por isso que este trabalho toca tão profundamente.”

É bem provável que parte da emoção despertada venha da inevitável relação entre a força da obra de Krajcberg e o sofrimento imposto pela Segunda Guerra Mundial, quando pai, dois irmãos e duas irmãs morreram nos crematórios do Holocausto e a mãe foi enforcada na cadeia ▶





FOTOS CHRISTIAN CRAVO

É no ateliê em Nova Viçosa (BA) que o polonês de coração brasileiro dá vida aos pedaços de madeira recolhidos em áreas de queimadas criminosas



(“As cinzas da floresta são também as cinzas de meus parentes”). Só ele escapou. Com o fim do conflito, ele deixa a farda do Exército Vermelho e vai para a Alemanha, onde ingressa na Academia de Belas Artes de Stuttgart e torna-se aluno de Willi Baumeister.

Dá adeus à Europa e desembarca no Rio de Janeiro, mas sua história começa a ser desenhada pra valer em São Paulo, em 1948. Três anos depois trabalha na montagem e expõe duas telas na I Bienal Internacional de São Paulo. Na quarta edição da mostra, em 1957, recebe o prêmio de melhor pintor brasileiro. Outra condecoração de destaque acontece em 1964, ao ganhar o prêmio Cidade de Veneza, na 32ª Bienal local. No Brasil, vive numa fazenda em Telêmaco Borba (PR), no Rio, em Cata Branca (MG) e finalmente na Bahia. “Preciso ver o mar e as árvores de cima: isso sou eu.”

Marcado a ferro e fogo pelas desgraças do passado, Krajcberg se afasta cada vez mais dos humanos. “Não acreditava mais no homem”, conta. Busca o isolamento. Aproxima-se da natureza — e reencontra a felicidade. Cria beleza com destroços de matas consumidas por incêndios criminosos. Transforma revolta em arte — e arte em protesto. Denuncia desmatamentos, matança de índios e desigualdades sociais. “Minha obra deve ser ponto de partida para uma reflexão mais abrangente sobre a relação do homem com o meio ambiente”, afirma. “O planeta exige isso de nós.”

